

HERÁCLITO E PROTÁGORAS: O LOGOS DO JOGO E O JOGO DO LOGOS

Marcos Aurélio Monteiro da Fonseca
Departamento de Filosofia da UFRJ

RESUMO

O objetivo do texto é pensar a noção de Lógos em Heráclito e Protágoras. Desde Platão aponta-se para a influência que o primeiro teria exercido sobre o pensamento do Sofista. Assim, o que se pretende é verificar como Protágoras apropria-se da noção de Lógos na forma como aparece no pensamento do Efésio e atribui a ele um novo sentido. Para tanto, parte-se da famosa máxima que Diógenes Laértios atribui à Protágoras que diz que, “em relação à qualquer assunto, há duas afirmações contraditórias”.

1. Parece ser de ambigüidade a relação entre a filosofia pré-socrática e a sofística: ao mesmo tempo em que esta herda a tradição iniciada pelos primeiros filósofos, promove um desvio de sua orientação, trazendo novos problemas para a reflexão filosófica. Toda tentativa de compreender esta relação, deveria levar em consideração seu caráter ambíguo e isto significa determinar o sentido desta herança e ruptura promovida pela avalanche sofística.

Princ.	Natal	Ano 3	n. 4	p. 144-155	jan./dez. 1996
--------	-------	-------	------	------------	----------------

Trata-se de pensar um vínculo possível entre o pensamento de Heráclito e a filosofia de Protágoras. Desde Platão até os comentaristas contemporâneos, discute-se as influências do primeiro sobre o segundo. Muitas vezes tratou-se de ressaltar a filiação da doutrina do homem medida à teoria do fluxo incessante e a da harmonia entre contrários afirmadas pelo pré-socrático de Éfeso. Entende-se, a princípio, que as Antilogias e a referida doutrina têm uma fonte comum que é o Logos heraclítico. É esta problemática, tão crucial para o pensamento de Heráclito, que deve fornecer uma via de acesso à compreensão do problema do Logos em Protágoras.

O propósito é pensar uma possível ligação entre o Logos de Heráclito e a célebre afirmação que Diôgenes Laértios atribui a Protágoras que diz: “*em relação à qualquer assunto, há duas afirmações contraditórias*”¹. Proposição que Untersteiner considera ser uma condensação da temática geral das Antilogias, que poderia ter sido o título de uma obra que tratava de vários assuntos². O que se pretende é demonstrar que Protágoras apropria-se do tema do *Logos* da maneira como se apresenta em Heráclito³ e, abandonando a ênfase de caráter físico-naturalista, atribui a este um sentido lingüístico que procura afirmar a autonomia e preeminência do *Logos*.

O que importa quando se levanta esta questão é determinar como o *Logos* de Heráclito fornece o fundamento para a temática central da filosofia do sofista de Abdera que é doutrina do homem-medida. O *Logos* é o modo como aparecem e se articulam as coisas. Esse arranjo surge como unidade de opostos permutáveis e reversíveis. Jogo de criança: mudança de disposições, intercâmbios, permutas. O *Logos* é o *Cosmos* porque este, como unidade do múltiplo, é o modo próprio do dar-se, do vir à luz e do articular dos entes. É daqui que se pode começar a tecer o fio que vai de Heráclito à Protágoras. *Logos*, como conjunto de elementos permutáveis, articula *Cosmos*. Medida e conjunção de elementos que se arranjam como num jogo. É desta maneira que se tentará com-

preender as Antilogias de Protágoras em sua relação com a doutrina do homem-medida.

2. O *Logos* do jogo

O comum é o *logos*⁴. O modo e o sentido do melhor arranjo. Coisas ao acaso, belo é o *Cosmos*. O vir-a-ser é uma estruturação de elementos diferenciados, que no vigor do aparecer, arranjam-se em todo harmonioso. A senda para o pensamento se abre no escutar e no compreender a reunião de tudo como unidade e diferença. Para se ter um conjunto, é necessário que os seres se entrecroquem e permutem os lugares em constante movimentação. Heráclito buscando o sentido deste aparecer e articular dos entes, diz *Logos*. É o primeiro verbo. O que exprime o uno-múltiplo em sua forma mais simples e direta: nele não se anula nem a unidade e nem a multiplicidade.

Logos, imanência determinante que não pode ser confundida com o simples entendimento, mas que o ultrapassa.

Porém, este ultrapassar não é um estar além disto que se apresenta como fenômeno, mas sim, um estar inserido em tudo como modo unificador das coisas singulares. Mas, *Logos* é o vigor⁵ do vir-a-ser dos entes e a relação de atração e repulsão que eles mantêm entre si no movimento de presentificarem-se como unidade e diferença. O modo de articulação dos entes, estrutura o "arranjo mais belo".

Só há conjunção entre elementos singulares, como uma sinfonia que é o resultado do acordo de notas de diferentes tons. Assim, os fenômenos não podem ser pensados como unidades isoladas (desta maneira não haveria *Cósmos*), mas devem ser compreendidos num conflito que é a própria condição para que as coisas possam permanecer na presença. O modo desta disposição é *Logos*.

Esse “*monte de coisas*” de repente arranja-se como distribuição proporcionada e simétrica. “*O sol não ultrapassará as medidas, se o fizer, as Erineas, ajudantes de Diké, o encontrarão*”⁶. Um elemento não pode prevalecer sobre outros, pois isso tornaria impossível o arranjo. O Uno não é também, o resultado de uma síntese dialética mas, em Heráclito, a unidade é recolhida como diferença e disposição de entes no ato do movimento de presentificação. As coisas estão distribuídas proporcionalmente, nenhuma excedendo as medidas (*Métron*), vibrando no limite da tensão que constantemente existe entre elas. O *Cosmos* é a totalidade dos fenômenos que se arranjam segundo o *Logos*, sendo este a unidade dos entes no modo de articularem-se na forma e no sentido de seu desvelamento.

Resta definir como as coisas estão distribuídas no aparecer, de maneira que elas singularizam-se como elementos diferenciados? Qual é a forma desta diferenciação? De que maneira mantêm-se o *Métron* de cada ente e do todo? Os entes surgem e se harmonizam a partir da desarmonia subjacente neste aparecer. Os elementos estão em um perpétuo movimento que lança uns contra os outros. Esse é o sentido e modo da conjunção: “...*O todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas.*”⁷ É desta maneira que os entes são e estão no desvelamento e é como devem ser recolhidos pelo pensamento: “*quente-frio, guerra-paz, saciedade-fome*”⁸. O *Métron* é uma garantia de manutenção do conflito como constituinte da conjunção mais bela e como a possibilidade de diferenciação e unificação de todas as coisas.

A duplicidade é o modo de ser do *Cósmos*⁹. Os entes se articulam como pares de opostos e esta oposição não é uma simples recusa entre forças antitéticas, mas deve ser entendida como choque que leva a passagem de um contrário à outro¹⁰. O outro e o mesmo são um só, como é o caminho para cima e para baixo¹¹. A relação entre os opostos é de intercâmbio e reversibilidade.

Cada ente muda de lugar com o seu contrário num movimento de troca e mudança de disposição que é o vigor próprio dos entes no vir-a-ser. Dizem os fragmentos: “*O frio se esquentar, o quente se esfria, o úmido seca, o seco se umidifica*.”¹² Não há o quente e o frio como forças antitéticas, exigindo uma conciliação, uma síntese, para que se pudesse pensar numa conjunção possível. Mas, quente e frio são um na diferença de suas disposições e no intercâmbio de suas posições. O equilíbrio e a medida são sempre tensos, sempre no limite e no movimento de um oposto a outro.

O *Cósmos* é essa unidade do múltiplo que se sustenta e encontra seu sentido originário na tensão dos opostos. “*De coisas lançadas ao acaso, o arranjo mais belo, o Cósmos*”¹³. Articulação entre elementos opostos, num movimento de intercâmbio e reversibilidade. É como num jogo, onde o movimento de uma única peça determina uma nova configuração e suscita um novo lance. Este é *Logos* concebido como produtor de mundo. O *Métron* determina o instante em que uma disposição, esgotando seus limites, transmuta-se em seu oposto. Desta maneira, está garantida a justa proporção.

Escutando o sentido do vir-a-ser e compreendendo que este é o *Logos* “*é sábio concordar que tudo é um*”¹⁴: multiplicidade de contrários, pluralidade que dilacera o ser em combates inesgotáveis. A unidade reside no momento de maior radicalidade quando o ser perfaz todo seu caminho, no instante do pensamento. “*Pensar e ser reúne tudo*”¹⁵.

3. O jogo do *Logos*

Para muitos pré-socráticos, especialmente Heráclito, a natureza é ambígua, pois presentifica-se como combinação de contrários, correndo como um rio, do uno ao múltiplo. Nela, não se encontram princípios que sejam idênticos a si mesmos. O Um heraclítico é o instante de equivalência entre a multiplicidade de fe-

nômenos. O mundo é plural e isso é também atestado pelo caráter politeísta da religião grega¹⁶. O divino manifesta-se como uma multiplicidade de deuses que representam aspectos distintos e manifestam suas vontades de forma ambígua e obscura. Ora, o que falar da natureza se ela manifesta-se de múltiplas formas, se ela “*ama esconder-se*”?¹⁷ Para Heráclito, o *Cósmos* é uma conjunção possível de elementos que, no movimento de intercâmbio, assume disposições distintas, associando-se num único vigor. A existência é trágica porque é dilacerada em unidades de opostos, e por isso mesmo inocente, pois esta é a única forma possível de se pensar o um. Esta talvez seja a herança heraclítica no pensamento de Protágoras, mas também o ponto onde ocorre o desvio: se tudo é movimento e mudança de disposição, aquilo que se manifesta e diz é verdadeiro, já que não há natureza ou princípio para onde o dizer remete, mas isto que é proferido indica uma relação de elementos permutáveis, que é o próprio *Logos*.

Para Heráclito, como já foi visto, o *Logos* é o modo de articulação dos elementos, numa relação de proporção e simetria que garante o *Métron* de cada coisa. O *Cósmos* é o efeito possível do de proporção e simetria que garante o *Métron* de cada coisa. O *Cosmos* é o efeito possível do movimento das peças no jogo de troca entre os entes. Este é o problema que o sofista toma ao pré-socrático: o *Logos* é o vigor da disposição e associação de elementos permutáveis.

O *Logos* heraclítico fornece a pista que permite compreender a afirmação que Diôgenes Laértios atribui à Protágoras. Se nada é idêntico a si mesmo, se o uno e o múltiplo são semelhantes e se o que vigora é o movimento que muda um contrário em outro, não é possível compreender nem a existência de naturezas simples entendidas como princípios do vir-a-ser e nem afirmar que o ser é, exclusivamente, a unidade. Não se pode querer que o discurso remeta à qualquer realidade que lhe seja extrínseca. A combinação entre os elementos define a disposição e a posição das coisas. Se

existem dois discursos contraditórios para todo assunto, não é porque o real é, em si mesmo, contraditório, mas sim, porque ele é produzido como possibilidade da associação entre os elementos do discurso. Estes são capazes de um número de associações que tornam impossíveis o erro e a contradição. Tudo que é proferido tem a sua validade própria. A “*verdade*” seria então, um efeito frágil, uma medida possível, articulada em momento oportuno que produz um precário consenso (*Homologia*).

O *Logos* remete para si mesmo, para as múltiplas possibilidades de conjunção entre seus elementos. Articula unidade feita de diferença¹⁸ que varia conforme a ocasião. É a possibilidade de trocas entre os componentes da linguagem que permite esta polifonia discursiva: essas partes não são imóveis, mas intercambiáveis, cujos movimentos produzem artefatos distintos. O real é da ordem do discurso, pois o *Logos* sendo “*produtor de mundo*”¹⁹, determina as disposições das coisas, na medida em que se conjugam seus elementos. Desta maneira, alcança-se o sentido da afirmação atribuída a Protágoras: mediante o discurso, muda-se o aparecer das coisas, fazendo com que elas se adaptem à ocasião. Se o real é um efeito do discurso não existe afirmação que seja contraditória pois, todas as opiniões diversas sobre o mesmo assunto têm a mesma validade já que são efeitos de uma combinação possível. O ser e o não ser são fórmulas possíveis do jogo do *Logos*, são efeitos do dizer²⁰. O sofista interessa-se pelos resultados produzidos pela linguagem, desinteressando-se, completamente, pelo seu antecedente ou referente.

Essas colocações são esclarecidas ainda mais quando se percebe a importância que Protágoras atribui à educação. Esta constitui-se como *Sophia* cujo objetivo é, além de formar o cidadão dentro das convenções sociais (*Nómos*), permitir que o discípulo possa, mediante uma *Techne* adquirida como *Paideia*, mudar as posições das peças do jogo conseguindo, desta maneira, mudar a disposição da alma de outrem, produzindo *Homologia*. Mudar as

aparências significa produzir discursos bem proporcionados que possam servir de medida para avaliar a realidade das coisas. O discurso sábio é este que joga as aparências, mudando-as, tornando-as outras e, desta maneira, produzindo persuasão. Assim, compreende-se por que é possível fazer com que a opinião que uma platéia possa ter sobre determinado assunto. É por isso, que o “*discurso é um senhor muito poderoso*”²¹, que conseguiu que Helena fosse para Tróia, pois ela nada pode fazer contra seu poder de encantamento.

Protágoras apropria-se do *Logos* Heraclítico e atribui a ele um outro significado. Para ele, o *Logos* é um conjunto de elementos articuláveis produtor de *Métron*, determinando um sentido, um lugar e uma utilidade para as coisas no universo humano. O sofista não pretende nem descrever o universo físico e muito menos fazer apologia do ser único. É preciso conceber a linguagem como uma cadeia de significantes, cujas relações múltiplas, produzem inúmeros efeitos. Cada significante remete à outros, criando uma série de possibilidades e produzindo significados. Não há limites para o jogo da argumentação. Qualquer assunto pode ser da mesma maneira atacado e defendido. Em Heráclito, o *Cosmos* é um efeito de uma brincadeira de criança. Em Protágoras, o *Logos* é um produtor de mundo. “*O tempo é uma criança, jogando o jogo de pedras, vigência de criança*”²².

4. *Logos* e jogo

A interpretação que Platão dá à doutrina de homem medida no Teeteto²³ é muito determinante nas análises do pensamento de Protágoras. Neste diálogo, a máxima do sofista é encarada sob o prisma do relativismo gnosiológico e do subjetivismo. As coisas são como aparecem para cada um, desta maneira não é possível afirmar que elas possuam uma identidade própria, mas que o ser delas depende da forma como cada um as sente. Aparência e sen-

sação se equivalem, permitindo que cada homem seja a medida das coisas.

Esta interpretação muito contribuiu no sentido de construir uma imagem negativa da sofística, já que se a afirmação de Protágoras enuncia algo sobre o ser das coisas e iguala este a sensação e a aparência, ela só pode estar no degrau mais baixo do conhecimento, incapaz de conceber uma ciência do ser. Esta doutrina manteria a razão presa ao nível das coisas sensíveis, na ambigüidade da aparência.

No Teeteto, Platão também relaciona a proposição de Protágoras com a teoria do vir-a-ser e da mistura de todos os elementos, principalmente, na forma como aparece em Heráclito.

A análise precedente pretende compreender a doutrina do homem medida, numa trama que liga o *Logos* heraclítico, às Antilogias e à proposição do sofista. O *Logos* é o vigor da articulação de elementos diferenciados num todo harmonioso que, para o sofista, indica uma preeminência do discurso como produtor de mundo. Esses elementos não podem ser tomados, isoladamente, mas sempre formando uma cadeia de trocas e intercâmbio. O indivíduo é um dos elementos desta cadeia, que assume disposições distintas, dependendo das relações mantidas com os outros elos. Neste caso, o indivíduo não poderia ser a medida das coisas na forma como que elas aparecem para ele, mas elas podem ocupar posições distintas nos arranjos discursivos, não podendo ser considerada em si mesmas, mas na relação e no lugar ocupado na cadeia significante. As coisas são reveladas pelas manipulações lingüísticas promovidas pelos homens nas *Polis*. Isto, que de alguma forma diz-se que é, só pode ser para o homem, só ganha sentido no universo humano. Os fenômenos existem se tiverem um lugar neste arranjo e não existem se aí não estiverem incluídos²⁴. Isto implica que as coisas são determinadas numa ordem que indica seu sentido, lugar e utilidade. O indivíduo não pode ser a medida das coisas, pois estas só adquirem sentido, lugar e utilidade. O indivíduo

não pode ser a medida das coisas, pois estas só adquirem sentido no seio das relações sociais e o fio que tece as partes que formam o tecido social é o *Logos*. As coisas são em função do homem, e este só na cadeia de relações sociais e lingüísticas, em que o indivíduo é um de seus elos.

Somente a convenção permite firmar determinadas relações, possibilitando a vida humana na *Polis*. Uma cidade é ao mesmo tempo, identidade e diferença, um *Cósmos* com sua estrutura própria. Por outro lado, isso não permite afirmar que a relação *Nómos* - *Physis* ocupe a posição central de toda essa problemática, mas sim ressalta o lugar do *Logos* como produtor de convenção e de coisas. Isso também faz do pensamento de Protágoras um discurso sobre a cultura e o poder, o que é bem atestado pela tradição que ensina que os sofistas possuíam uma dupla maestria porque eram professores e homens de poder²⁵. O *Logos* é constituidor do ser do homem, como unidade e diferença. Só ele desvela pois ele, no movimento que vai do diferenciado ao indiferenciado, mostra-se como medida do homem e dos outros entes.

NOTAS

- ¹ LAÉRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução Mário da Gama Kuory. Brasília: UNB, 1988. p. 264.
- ² UNTERSTEINER, Mário. *Les Sophistes*. Traduit par Alonso Tordesillas. Paris: Librairie Philosophique. J. Vrin, 1993. p. 30.
- ³ *Ibid.* p. 51.
- ⁴ HERÁCLITO. *Fragmentos*. Edição bilingüe com tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980. Frag. 2.
- ⁵ *Ibid.* Frag. 112.
- ⁶ *Ibid.* frag. 91.
- ⁷ HERÁCLITO. In: - *Coleção os Pensadores*. Tradução de José Cavalcante de Souza et al.: São Paulo: Abril Cultural, 1989. Frag. 10.
- ⁸ *Ibid.* Frag. 67.
- ⁹ UNTERSTEINER, Mário. *Op. cit.* p. 48.

- ¹⁰ DUPREEL, Eugène. Les Sophistes. Protágoras, Górgias, Prodicus et Hippias. Neuchatel: Editions du Griffon, 1980. p. 40.
- ¹¹ HERÁCLITO. Op. cit. nota 4 Frag. 60.
- ¹² Ibid. Frag. 124.
- ¹³ Ibid. Frag. 124.
- ¹⁴ Ibid. Frag. 50.
- ¹⁵ Ibid. Frag. 113.
- ¹⁶ UNTERTEINER, Mário. Op. cit. p. 45-48.
- ¹⁷ HERÁCLITO. Op. cit. nota 8. Frag. 123
- ¹⁸ CASSIN, Barbara. Ensaios Sofísticos. Tradução Ana Lúcia de Oliveira et al. São Paulo: Siciliano, 1990. p. 12.
- ¹⁹ Ibid. p. 11.
- ²⁰ Ibid. nota 20.
- ²¹ GORGIAS, Éloge d'Heléne, IN: ___ DUMONT, J. P. Les Présocratiques. Paris: Gallimard, 1988. pp. 1032-1033.
- ²² HERÁCLITO. Op. cit. nota 4. Frag. 52.
- ²³ PLATON. Théétete. Traduction, Notices et notes par Émile Chambry. Paris: Flammarion, SID. 151 a ___ 152 d.
- ²⁴ EMPIRICUS, Sextus. Hypotyposes pyrroniennes, IN, ___ Dumont, J. P. Op. cit. nota 22. p. 990-991.
- ²⁵ CASSIN, Barbara. Op. cit. p. 7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTINI, Yves. Trois Présocratiques: Heráclito, Parménide, Empédocle. Paris: Gallimard, 1988
- BURNET, John. O Despertar da Filosofia Grega. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.
- CASSIN, Barbara. Ensaios Sofísticos. Tradução de Ana Maria Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Siciliano, 1990.
- DUMONT, J. P. Les Présocratiques. Paris. Gallimard, 1988
- DUPRÊEL, Eugène. Les Sophistes: Protágoras, Gorgis, Prodicus, Hippias. Neuchatel: Editions du Griffon, 1980.

- HERÁCLITO.** Fragmentos. Edição bilingüe com tradução, introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- KIRK, G. S., RAVEN, J. E.** Os filósofos Pré-Socráticos, tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca et al: Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- LAËRTIOS, Diôgenes.** Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1988.
- PLATON.** Protagoras. Traduction, notices et notes par Émile Chambry. Paris: Flammarion, s/d.
- _____. Cratyle. Traductions, notices et notes par Émile Chambry. Paris: Flammarion, s/d.
- _____. Théétète. Traduction, notices et notes par Émile Chambry. Paris: Flammarion, s/d.
- NEVES, Maria Helena de Moura.** A vertente grega da gramática Tradicional. São Paulo: Editora Hucitec, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- Os Pré-Socráticos.** Tradução de José Cavalcante de Souza et al: São Paulo: Abril Cultural, 1989.
- Coleção os Pensadores [Heráclito].**
- RAMNOUX, Clémence.** Um Epíside de la Rencontre est-ouest. Zoroastre et Héraclite. In: - Études Présocratiques. Paris: Éditions Klincksieck, 1970.
- _____. Nouvelle Réhabilitation des Sophistes. IN:- Études Présocratiques. Paris: Éditions Klincksieck, 1970.
- ROSSET, Clément.** A Anti-natureza; elementos para uma filosofia trágica. Traduzido por Getulio Puell. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- UNTERSTEINER, Mário.** Les Sophistes. Traduit et présenté par alonso Tordesillas. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1993. T. 1.